

Suetônio e a questão da sucessão no Principado romano em *A Vida dos Doze Césares*

Suetonius and the problem of the succession in the Roman Principate in 'The Lives of the Twelve Caesars'

André Luiz Leme*

Resumo: Explorando de modo crítico os diversos temas trabalhados por Caio Suetônio Tranquilo (69-após 121/22 d.C.) no conjunto de biografias que compõem a obra *A Vida dos Doze Césares*, nos aproximamos de perspectivas que podem caracterizar os elementos do pensamento político do autor. No presente artigo, especialmente, investigaremos as ponderações de Suetônio sobre a questão da sucessão no Principado romano do século I, tendo por base a análise de como o autor valorou, de modo positivo ou negativo, as ações dos príncipes do período. Conseqüentemente, iremos verificar de que modo as reflexões desenvolvidas pelo autor se relacionam com a época de produção da obra, inícios do século II d.C., período marcado pela transição de poder entre os príncipes Trajano (53-117) e Adriano (76-138).

Abstract: By critically exploring some issues observed in the collection of biographies wrote by Gaius Suetonius Tranquillus (69-after 121/22 AD), called *The Lives of the Twelve Caesars*, we focus on those elements regarding the biographer's political thought. We aim at investigating Suetonius's views about the problem of the succession of imperial power in the Roman Principate at the 1st century AD, taking into consideration how the author evaluates the lives and actions of the principes of that period. Therefore, we will try to link his thoughts over that subject with the political trends related to his own time, that is, the early 2nd century AD, a period marked by the transfer of power from Trajan (53-117 AD) to Hadrian (76-138 AD).

Palavras-chave:

Suetônio.
A Vida dos Doze Césares.
Principado romano.
Adriano.

Keywords:

Suetonius.
The Lives of the Twelve Caesars.
Roman Principate.
Hadrian.

Recebido em: 10/05/2023
Aprovado em: 31/05/2023

* Doutor em História (UFPR). Professor Adjunto nos colegiados dos cursos de graduação e pós-graduação de História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

O conjunto de biografias escritas por Suetônio, compondo o trabalho que chamamos *A Vida dos Doze Césares*, é fonte preciosa para o nosso conhecimento e estudo do processo histórico de transição entre os períodos da República e do Principado na História de Roma. A fama, ainda hoje, de políticos como Júlio César, Otávio Augusto, Calígula e Nero deve muito, portanto, ao esforço de escrita de Suetônio. Mas a obra do referido autor não deve ser lida como um relato neutro ou objetivo do passado, capaz de fornecer informações concretas sobre aquele momento. Pelo contrário, ao historiador não cabe a mera reprodução daquilo que compõe os escritos antigos, em ação de simples transmissão de dados e informações. Nos é imbuído, especialmente, como dever de nossa profissão, a interpretação e a explicação das fontes históricas (ARÓSTEGUI, 2006), sempre contextualizadas, dentro de uma atividade crítica e problematizante. Nesse pensamento, *A Vida dos Doze Césares* pode nos revelar muito também a respeito de seu autor. Como isso seria possível de ser realizado por nós, historiadores? Através da análise das representações construídas pelo autor ao longo de sua escrita (CHARTIER, 1988), o que compreende, da nossa parte, um trabalho de rastreamento dos indícios (GINZBURG, 1989) que destacaram, para cada personagem biografado, determinadas ações e características. As seleções de conteúdo realizadas pelo autor, suas ponderações, seus julgamentos ou elogios, por exemplo, são importantes pontos de observação para que possamos debater as possíveis intenções de Suetônio, por meio de sua obra, quando do momento de publicação.

Em estudo anterior (LEME, 2015), através da análise das características e da estrutura da obra de Suetônio, bem como dos temas por ele abordados ao longo das doze biografias, consideramos que o eixo principal do autor em seu escrito foi o debate sobre o exercício do poder por parte dos príncipes. Para tanto, da nossa parte, primeiramente, foi fundamental a reflexão sobre o modelo narrativo empregado por Suetônio, a biografia. Embora aparente, de modo inicial, uma intenção de escrita muito diferenciada da escrita histórica, seguimos o que indicou José Lopes Brandão (2009, p. 24), para quem os gêneros biográfico e historiográfico “nunca tiveram suas fronteiras bem delimitadas” na Antiguidade.¹

A escolha pelo relato da trajetória de vida dos Césares, com referência a diversas de suas nuances comportamentais, é sintomática, portanto, da importância atribuída pelo autor ao indivíduo político na liderança e coordenação dos assuntos públicos de Roma. Processo, aliás, que teve seu início com as ações de Júlio César, o primeiro dos biografados

¹ Como afirmamos anteriormente (LEME, 2014, p. 10), “em termos da recepção/inteligibilidade de tais gêneros, tanto a história como a biografia teriam praticamente o mesmo potencial para despertar no homem um sentimento de reflexão introspectiva em relação ao passado e seus referenciais”.

de Suetônio. No relato desta “vida”, o autor não poupou o líder romano das mais duras críticas. Especialmente, censurou o pretense desejo de Júlio César em querer assumir uma forma autocrática de poder, um poder absoluto, típico, no pensamento de Suetônio, do modelo da realeza (LEME, 2017). O foco de Suetônio, ao longo das demais biografias, continuou sendo exatamente este: apresentar e debater, com base em uma avaliação moral dos biografados, de suas ações políticas, quais deles tiveram essa propensão a um exercício irrestrito do poder.

No presente artigo, seguindo o viés apresentado e continuando a explorar o nosso conhecimento crítico a respeito da obra de Suetônio, pretendemos analisar o modo como o referido autor tratou dos momentos de sucessão no período do Principado, de Otávio Augusto a Domiciano. Através desse estudo, podemos pensar o que Suetônio, possivelmente, buscou ressaltar aos seus contemporâneos, enquanto recomendação, sobre como deveria, ou não, ocorrer a transição de poder no Principado romano.

Diantedisso, ressalte-se que a biografia de Otávio Augusto compõe aproximadamente 20% da obra de Suetônio, sendo a mais extensa de todas (LEME, 2014). Considerando que a de Júlio César representa aproximadamente 14% da obra, percebemos o interesse de Suetônio no destaque ao período de gestão e construção do modelo do Principado romano, no qual a responsabilidade pelo poder romano e seu engrandecimento passou a ser projetado na liderança de um homem em especial, o primeiro dentre todos os cidadãos, o príncipe (GRIMAL, 1999).

Suetônio constrói a biografia de Otávio Augusto revelando o caráter excepcional de sua pessoa. Quando do exercício de sua função como príncipe, era praticante assíduo da justiça (Suetônio, *Divus Augustus*, XXXIII, 1), um homem considerado muito clemente e moderado (Suet., *Aug.*, LI, 1), responsável, através de várias medidas, pela retomada do esplendor do Senado (Suet., *Aug.*, XXXV, 1). Ademais, um político conciliador (Suet., *Aug.*, LVI, 1), generoso (Suet., *Aug.*, XLI, 1) e defensor da liberdade (Suet., *Aug.*, LIV, 1). É também representado como um personagem que abominava o título de “senhor”, tendo em vista que considerava essa nomenclatura uma forma de injúria e insulto (Suet., *Aug.*, LIII, 1). Suetônio projetou em Otávio Augusto a imagem de um governante que estava disposto, na construção de uma nova forma de poder aos romanos, a respeitar as antigas tradições romanas, seguindo os costumes dos antepassados (BRAVO, 1998).

Sobre a questão da sucessão no Principado, ela começa a ser tratada a partir da configuração da família de Otávio Augusto. Este, inicialmente, desposou Cláudia, enteada de Marco Antônio. No entanto, em função de conflitos com a sua sogra, se divorciou em pouco tempo (Suet., *Aug.*, LXII, 1). Após, casou-se com Escribônia, da qual mais tarde se separou; e depois contraiu matrimônio com Lívia Drusila, que à época já estava casada

e grávida (Suet., *Aug.*, LXII, 2). Teve uma filha, Júlia, fruto do casamento com Escribônia. Com Lívia teve um filho, mas que nasceu prematuro e faleceu. Júlia foi concedida em matrimônio inicialmente para Marcelo, filho de sua irmã, Otávia. Poucos anos depois, com o falecimento de Marcelo, Júlia casou-se novamente, agora com Marco Agripa; este, à época, era casado e já tinha filhos com Marcela (a outra filha de Otávia). Marco Agripa, no entanto, veio também a falecer logo na sequência (Suet., *Aug.*, LXIII, 1). Conforme Suetônio, após isso, e depois de muito tempo examinando pretendentes para Júlia, Otávio escolheu seu enteado, Tibério (que, na época, também se encontrava casado e com filho). Tibério foi obrigado, portanto, a repudiar sua mulher para contrair matrimônio com Júlia (Suet., *Aug.*, LXIII, 2).

Fica presente a ideia no relato de Suetônio que Tibério, o futuro príncipe, embora fosse personagem de destaque à época, não fora a primeira opção de Otávio na construção de seu planejamento familiar e sucessório. E essa perspectiva continua a ser observada no decorrer do texto, com as adoções realizadas pelo príncipe, muito provavelmente já planejando sua herança política e sucessão no poder. Conforme escreve Suetônio, Otávio teve três netos (Caio, Lúcio e Agripa) e duas netas, Júlia e Agripina. Todos eles filhos da união de Agripa com Júlia. Inclusive, Otávio Augusto adotou formalmente a Caio e Lúcio, indicando-os, desde muito jovens, a tarefas na administração pública e, posteriormente, após serem cônsules, a funções nas províncias e no exército (Suet., *Aug.*, LXIV, 1).

No entanto, segundo Suetônio, a Fortuna teria frustrado a alegria e confiança de Otávio Augusto na sua descendência e na disciplina de sua casa. Sua filha e neta, ambas de nome Júlia, foram relegadas, acusadas de todo tipo de vício. Caio e Lúcio, por sua vez, acabaram falecendo. Agripa, seu terceiro neto, adotado ao lado de Tibério, acabou logo depois sendo renegado, em virtude de seu temperamento violento (Suet., *Aug.*, LXV, 1), e morto (Suet., *Tiberius*, XXII, 1). Tibério, portanto, na perspectiva construída por Suetônio, tornou-se a opção inevitável de Otávio Augusto. Este, aliás, quando caiu enfermo, aproximando-se da morte, chamou Tibério para perto de si, mantendo contato (Suet., *Aug.*, XCVIII, 5). Otávio faleceu a pouco tempo de completar setenta e seis anos, causando grande comoção (Suet., *Aug.*, C, 1-4).

Sobre os documentos referentes ao testamento de Otávio Augusto, eles haviam sido escritos um ano e quatro meses antes de sua morte, e guardados sob a proteção das virgens vestais. Foram abertos e lidos perante o Senado, sendo nomeados primeiros herdeiros a Tibério, o qual recebeu mais da metade da fortuna de Otávio Augusto, e Lívia. Ordenou-se, inclusive, que ambos levassem o seu nome (enquanto direito de uso). Na sequência, como segundo herdeiros, recebendo quantias menores, temos Druso, filho de Tibério, e Germânico, junto a seus três filhos homens (Suet., *Aug.*, CI, 1-2).

Nesse ponto, observamos que Otávio Augusto, em relação a Tibério, teve comportamento semelhante ao praticado anteriormente por Júlio César quando este elaborou seu último testamento. De fato, no documento que deixou, Júlio César nomeou três herdeiros, os netos de suas irmãs: Caio Otávio (futuro Otávio Augusto), com três quartos da herança; Lúcio Pinário e Quinto Pédio, com o quarto restante. Ao final do testamento, não obstante, Otávio foi adotado, inclusive, para dentro da família de César, recebendo o seu nome (Suet., *Divus Iulius*, LXXXIII, 1-2). Certo que, devido aos poderes concorrentes do período, momento ainda de gestação do Principado, Otávio Augusto não se tornou imediatamente a única liderança de Roma. Como afirmou Suetônio, ele governou a república inicialmente com Marco Antônio e Lépido, depois junto a Antônio, e por último sozinho (Suet., *Aug.*, VIII, 3). Consequência, no âmbito político, de sua vitória em Ácio (Suet., *Aug.*, XVII, 3).

A sucessão entre Otávio Augusto e Tibério, portanto, seguiu as linhas gerais da relação formal desenhada entre Júlio César e Caio Otávio: adoção e indicação (no testamento) dele como herdeiro principal; permissão para o uso do nome do adotante; e recebimento, pelo herdeiro, daquela que seria a maior parte da herança. Importante considerar, a indicação de Druso, filho de Tibério, como um dos segundos herdeiros, não deixava de fortalecer a perspectiva de uma futura sucessão, caso, eventualmente, algum imprevisto ocorresse.

Na escrita da biografia de Tibério, Suetônio levantou algumas dúvidas a respeito de sua ascensão. Primeiramente, alude ao boato de que Otávio chegou a criticar Tibério publicamente, apontando a crueldade de seu caráter (Suet., *Tib.*, XXI, 2). Todavia, Suetônio afirma que Otávio Augusto, príncipe que era precavido e prudente, não teria escolhido Tibério de modo apressado, tendo em vista a importância do assunto. Ele teria, portanto, examinado atentamente os vícios e as virtudes de Tibério, considerando que neste prevaleciam as virtudes; e complementa essa informação relembando o discurso de Otávio Augusto quando da adoção de Tibério, momento em que o príncipe indicou que tal ação era realizada em benefício da república. Otávio, ademais, teria, em algumas cartas, afirmado que Tibério era extremamente competente na questão militar, tornando-se um sustentáculo ao povo romano (Suet., *Tib.*, XXI, 3). De fato, Tibério exerceu e provou sua competência no exercício das magistraturas e na liderança de várias campanhas militares, recebendo o poder tribunício pela primeira vez (Suet., *Tib.*, IX, 3) através da concessão do próprio Otávio Augusto (Suet., *Aug.*, XVII, 5). Inclusive, pouco tempo antes da morte do príncipe, ficou a cargo de administrar as províncias ao seu lado (Suet., *Tib.*, XXI, 1). Tudo isso são provas, em nossa perspectiva, de uma associação ao poder, um elemento de caráter legitimador e componente da questão da sucessão no Principado. Nesse sentido,

devemos lembrar que o próprio Otávio Augusto, quando acompanhou Júlio César em sua luta contra o filho de Pompeu na região das Hispânicas (Suet., *Aug.*, VIII, 1), procurou se vincular à autoridade política e militar do tio.

Mas Suetônio não poupou Tibério por muito tempo. Reforçou que, à época, emergiu a ideia de que sua adoção aconteceu muito mais por necessidade do que por uma vontade própria de Otávio Augusto. Este, em seu testamento, teria declarado Tibério herdeiro “em função” da morte dos seus filhos, Caio e Lúcio (Suet., *Tib.*, XXIII, 1). E se Tibério, como disse o autor, inicialmente relutou em assumir o poder, estava na realidade agindo de modo descarado, pois quando tornou-se imperador não tardou em designar para si uma guarda militar, força e símbolo do poder absoluto (Suet., *Tib.*, XXIV, 1). A despeito disso, Suetônio ressalta que Tibério demonstrou em seu governo uma conduta singela, avessa às adulações (Suet., *Tib.*, XXVI, 1). Inclusive, tal como Otávio Augusto anteriormente, não gostava que o chamassem de “senhor” (Suet., *Tib.*, XXVII, 1). Prezava também pela liberdade senatorial (Suet., *Tib.*, XXVIII, 1) e, apesar de suas inconstâncias, demonstrou-se essencialmente benévolo e disposto a servir aos interesses públicos (Suet., *Tib.*, XXXIII, 1). Porém, após alguns elogios, Suetônio carrega novamente Tibério de severas críticas, observando vários momentos do decorrer e do final de seu governo. Para o autor, Tibério escondia que possuía diversos vícios (Suet., *Tib.*, XLII, 1), terríveis e indignos (Suet., *Tib.*, XLIV, 1). Era tacanho e avaro (Suet., *Tib.*, XLVI, 1), pouco generoso (Suet., *Tib.*, XLVIII, 1), tornando-se rapina com o tempo (Suet., *Tib.*, XLIX, 1). Ser cruel era de sua natureza (Suet., *Tib.*, LIX, 1) e foi capaz de ordenar atos de grande violência, entre castigos e execuções (Suet., *Tib.*, LXI, 1-2).

Vejam agora como Tibério trabalhou com a questão sucessória, observando seus casamentos e familiares próximos. Inicialmente, Tibério foi casado com Agripina, filha de Marco Agripa e neta de Cecílio Ático. Deste relacionamento nasceu Druso. Tibério, posteriormente, se casou com Júlia, filha de Otávio Augusto, por obrigação. Dessa união, nasceu um filho, mas que morreu ainda muito pequeno (Suet., *Tib.*, VII, 2-3). Depois, adotou, por obrigação, a Germânico, filho de seu irmão (Suet., *Tib.*, XV, 2). Conforme Suetônio, Tibério não amou com carinho de pai a nenhum de seus filhos. Druso, ademais, era tido por ele como um homem de conduta relaxada e dissoluta, repleto de vícios; e, por conta disso, quando de sua morte, Tibério pouco se afetou (Suet., *Tib.*, LII, 1). Também menosprezou Germânico ao extremo, rebaixando as suas realizações, considerando-as inúteis e funestas. Inclusive, Suetônio indica o rumor e levanta a suspeita de que Tibério teve relação com a causa da morte de Germânico (Suet., *Tib.*, LII, 2-3).

Aproximando-nos do final da biografia, temos uma informação interessante. Suetônio indica que Tibério empenhou grande esforço no combate a Sejano, o qual

preparava uma sublevação. No entanto, para mantê-lo sob controle, aparentou honrá-lo. Primeiramente, o tomou como colega de consulado. Depois, o teria enganado com a esperança de um parentesco e do poder tribunício (Suet., *Tib.*, LXVI, 1). Ou seja, vemos aqui o destaque por parte do autor a elementos de caráter legitimador da sucessão no Principado em conformidade com a expectativa daquela sociedade política: a adoção na família e a associação ao poder.

De Germânico, Tibério teve três netos: Nero, Druso e Caio (o futuro príncipe Calígula); e de Druso, apenas um, Tibério (Gemelo). Nero e Druso receberam, inicialmente, atenção especial de Tibério; mas logo o príncipe entrou em conflito com eles, provocando a morte de ambos (Suet., *Tib.*, LIV, 1-2). De acordo com Suetônio, foi do pensamento de Tibério envolver os filhos de Germânicos nas artimanhas políticas do período, de modo a assegurar a sucessão ao seu neto natural, o filho de Druso (Suet., *Tib.*, LV, 1). Não obstante, dois anos antes de sua morte, redigiu seu testamento e oficialmente deixou como herdeiros, em partes iguais, a Caio, filho de Germânico, e Tibério, filho de Druso. Declarou também que seriam herdeiros um do outro (Suet., *Tib.*, LXXVI, 1). Pois bem, percebemos um aparente desconforto de Suetônio com esse desfecho. A sucessão, portanto, parecia indefinida.

Na próxima biografia escrita por Suetônio, temos a vida do príncipe Calígula. No entanto, ganhou destaque inicial o seu pai, Germânico. Suetônio o toma como exemplo de comportamento, destacando que nele se encontravam todas as virtudes físicas e espirituais (Suet., *Gaius Caligula*, I, 3.), sendo um homem benévolo e clemente (Suet., *Calig.*, III, 3). São contraposições imediatas ao caráter de Tibério. E não por menos, Germânico caiu nas graças de Otávio Augusto, o qual teria hesitado por muito tempo se o designava como sucessor. Acabou orientando Tibério a adotá-lo (Suet., *Calig.*, IV, 1). Porém, Germânico veio a falecer, gerando, conforme aponta Suetônio, grande consternação e tristeza (Suet., *Calig.*, VI, 2).

Germânico havia sido casado com Agripina, filha de Marco Agripa com Júlia, com quem teve 9 filhos. Duas meninas e um menino faleceram ainda jovens. Dos que viveram para além da data da morte do pai, temos três meninas, a saber, Agripina, Drusila e Lívila; e três meninos, Nero, Druso e Caio César. Nero e Druso foram declarados inimigos públicos, em função de acusações do príncipe Tibério (Suet., *Calig.*, VII, 1). Calígula (como passou a ser chamado Caio César), sobreviveu. Foi criado entre o exército romano e estimado por ele (Suet., *Calig.*, IX, 1). No entanto, afirma Suetônio que possuía uma natureza cruel e depravada (Suet., *Calig.*, XI, 1). Segundo o autor, não seria inverossímil pensar que Calígula tenha planejado, inclusive, a morte de Tibério; algo, inclusive, combinando com o então prefeito do pretório, Macro (Suet., *Calig.*, XII,

1-3). E dessa forma, Calígula alcançou o império, contando com o apoio da maior parte dos provinciais e dos soldados, junto ao respaldo da plebe romana, a qual lembrava-se de seu pai, Germânico (Suet., *Calig.*, XIII, 1). Por decisão do Senado e de uma multidão na Cúria, Calígula recebeu o governo de tudo, contrariando a vontade de Tibério, que havia estabelecido em seu testamento o outro neto (Tibério Gemelo) também como coerdeiro (Suet., *Calig.*, XIV, 1). Calígula, não obstante, o teria adotado na sequência, nomeando-o “príncipe da juventude” (Suet., *Calig.*, XV, 3). Porém, não tardou para ordenar o seu assassinato também (Suet., *Calig.*, XXIII, 3).

Suetônio refere-se a Calígula como um monstro. Exclama que teria faltado pouco para ele tomar um diadema e transformar a aparência do Principado em uma monarquia. Considerava-se tendo uma majestade divina (Suet., *Calig.*, XXII, 1-2). Ordenou assassinatos cruéis, e possuía com o Senado uma conduta pouco respeitosa ou benevolente (Suet., *Calig.*, XXVI, 1-2). Assim, em relação a todos, tratou com soberba e violência (Suet., *Calig.*, XXVI, 4), sendo especialmente rapina (Suet., *Calig.*, XXXVIII, 1). E, no que se refere aos seus matrimônios, foram diversos. Inicialmente, com Júnia Claudila, filha de Marco Silano (Suet., *Calig.*, XII, 1-2). Depois, casamentos rápidos com Livia Orestila e Lolia Paulina. Por último, com Cesônia. Com esta teve uma filha, Júlia Drusila (Suet., *Calig.*, XXV, 1-4).

Conforme Suetônio, Calígula, pela vida desregrada que teve, não deixou de inspirar em muitas pessoas o desejo de acabar com ele (Suet., *Calig.*, LVI, 1). Acabou, pois, assassinado (Suet., *Calig.*, LVIII, 1-3), morrendo também na ocasião sua mulher e filha (Suet., *Calig.*, LIX, 1). Assim, faleceu sem deixar herdeiro designado. O Senado, para Suetônio, diante disso, demonstrou a vontade de restabelecer a liberdade; e isso levou alguns senadores, inclusive, a levantarem a ideia de se abolir a memória dos Césares, com a destruição dos seus templos (Suet., *Calig.*, LX, 1). Entretanto, o Principado continuou. Antes, cabe destacarmos aqui um aspecto relevante na biografia de Calígula. Sim, ele era o mais velho coerdeiro do Principado, podendo talvez reivindicar sua preeminência. Porém, no que tange à narrativa de Suetônio, o modo como Calígula ascendeu ao poder, acelerando o processo com o apoio de Macro, parece sinalizar os riscos, até certo ponto contornáveis, de uma ingerência pretoriana, e mesmo dos corpos militares, na trama política do Principado.

Cláudio, aquele que se tornou o próximo príncipe, era irmão de Germânico. Conforme Suetônio, Cláudio padeceu de muitas enfermidades quando na juventude, as quais debilitaram seu espírito e corpo. Por isso, mesmo quando adulto, não era considerado um homem capaz de desempenhar qualquer função pública ou privada (Suet., *Divus Claudius*, II, 1). Embora tenha se dedicado aos estudos, não conseguiu trazer para si qualquer consideração ou melhores esperanças para o seu futuro. Inclusive, sua

própria mãe teria dito que ele parecia ser uma obra humana que a natureza havia deixado inacabada (Suet., *Claud.*, III, 1).

Limitado por Otávio Augusto (Suet., *Claud.*, IV, 7) e Tibério (Suet., *Claud.*, V, 1), Cláudio teria alcançado as honras somente após a ascensão de Calígula, filho de seu irmão, exercendo o consulado (Suet., *Claud.*, VII, 1). Embora desprezado e humilhado por muitos (Suet., *Claud.*, IX, 1-2), Cláudio chegou ao poder, e pela mais surpreendente casualidade, aponta Suetônio. Ocorreu que, nos momentos que se seguiram após a morte de Calígula, Cláudio buscou refúgio imediato, se escondendo atrás de cortinas de uma sala. Foi encontrado por um soldado. Reconhecido e saudado como imperador, fora imediatamente levado para o acampamento (dos pretorianos), onde permaneceu detido (Suet., *Claud.*, X, 1-2). Nesse meio tempo, o Senado não avançava em seu primeiro desejo, que era o de restaurar a liberdade, em razão de desacordos internos. Ao mesmo tempo, a pressão popular se fazia sentir ao lado da Cúria, com uma multidão clamando pelo governo de apenas um homem. Foi quando os soldados em armas, reunidos em assembleia, prestaram juramento a Cláudio que, na ocasião, prometeu a cada um deles quinze mil sestércios. Ação, importante destacarmos, que levou Suetônio a afirmar que Cláudio foi o primeiro César que recorreu ao dinheiro para assegurar a lealdade dos soldados (Suet., *Claud.*, X, 3-4). Vemos aqui, portanto, mais uma informação por parte do autor que sinaliza a ingerência do corpo pretoriano como elemento a ser considerado no processo de sucessão no Principado romano.

Cláudio é inicialmente elogiado por Suetônio em função de seu comportamento modesto e simples, e de renúncia a honrarias excessivas (Suet., *Claud.*, XII, 1). Havia, de momento, conquistado a consideração do Senado e dos magistrados (Suet., *Cl.*, XII, 3), sendo muito diligente com a justiça (Suet., *Claud.*, XIV, 1). Não obstante, sua conduta demonstrou-se inconstante, sendo irreflexivo e impetuoso, o que fez com que muitos o menosprezassem (Suet., *Claud.*, XV, 1-3). Além disso, não teria cometido poucos excessos, provando-se também cruel e sanguinário por natureza (Suet., *Claud.*, XXXIV, 1). Não passava, pois, de um homem medroso e desconfiado (Suet., *Claud.*, XXXV, 1).

Foi casado inicialmente com Pláucia Urgulanila e logo em seguida com Élia Pecina, das quais se divorciou em pouco tempo. Na sequência, desposou Valéria Messalina, filha de seu primo. Também a repudiou. Quando, segundo Suetônio, Cláudio já se encontrava desacreditado em relação à questão do matrimônio, conheceu Agripina, filha de seu irmão, Germânico, com quem se casou, alegando que tal união seria de grande interesse para a república (Suet., *Claud.*, XXVI, 2-3). Com Urgunalina teve dois filhos, Druso e Cláudia. Com Pecina, uma filha, chamada Antônia. Com Messalina, dois filhos, Otávia e Britânico. Sobre a fortuna deles, cabe salientar que Druso faleceu ainda jovem e Cláudia acabou repudiada

como filha. Antônia, por sua vez, foi indicada para casamentos com membros da nobreza. Cláudio fez Otávia casar-se com Nero, seu enteado. Por sua vez, Britânico sempre esteve junto ao pai. Cláudio o levava consigo em seus afazeres, o recomendando aos soldados e ao povo, recebendo o jovem votos de grande estima. Dos seus genros, Cláudio adotou apenas Nero (Suet., *Claud.*, XXVII, 1-2). Adoção que, na perspectiva de Suetônio, foi muito criticada, considerando que, na época de sua realização, o príncipe já possuía um filho adulto (Suet., *Claud.*, XXXIX, 2).

Suetônio comenta que Cláudio, ao final de sua vida, teria se arrependido de ter se casado com Agripina e da adoção de Nero. Teve muito carinho por Britânico e, quando este era mais jovem, chegou a exclamar que dele o povo romano poderia esperar um verdadeiro César (Suet., *Claud.*, XLIII, 1). Não obstante, na última sessão do Senado da qual participou, Cláudio exortou os seus dois filhos à concórdia, os recomendando aos senadores (Suet., *Claud.*, XLVI, 1). Por fim, conforme Suetônio, Cláudio teria sido morto envenenado, talvez pela própria esposa, Agripina (Suet., *Cl.*, XLIV, 2). Sua morte, além disso, acabou sendo ocultada, até que tudo fosse colocado em ordem, considerando a sua sucessão (Suet., *Cl.*, XLV, 1).

Pois bem, a ordem da sucessão coube a Nero, que superou Britânico, filho natural de Cláudio. Vejamos então como Suetônio nos ajuda a compreender a questão. Primeiramente, observamos que, desde cedo, houve uma forte tensão entre Nero e Britânico. Alimentada, inclusive, pelo fato de Agripina ser uma mulher de grande influência (Suet., *Nero*, VI, 4). Nero, aliás, após ser adotado, chegou a acusar Britânico de não ser filho de Cláudio. Ademais, também não se absteve, nessa época, de procurar estimular um bom relacionamento, por meio de donativos, com o povo e os soldados (Suet., *Ner.*, VII, 1-2).

Nero contava com 16 anos quando se fez pública a morte de Cláudio. Neste dia, quando surgiu nos muros do palácio, já o saudaram imperador. Foi então conduzido imediatamente ao acampamento militar, onde discursou, e depois à Cúria, onde permaneceu até a noite e aceitou diversas honras (Suet., *Ner.*, VIII, 1). Demonstrando piedade, ofereceu a Cláudio um grande funeral e o divinizou. Deixou a mãe, aliás, no controle de vários assuntos. Não é aleatória também a informação de que, nos primeiros momentos de seu governo, fundou, em Âncio, uma colônia voltada aos veteranos da guarda pretoriana (Suet., *Ner.*, IX, 1).

Nero declarou, após sua ascensão, que governaria seguindo os preceitos de Otávio Augusto. De fato, para Suetônio, Nero teria de início demonstrado em diversos momentos liberalidade, clemência e amabilidade (Suet., *Ner.*, X, 1), com bom exercício da justiça (Suet., *Ner.*, XV, 1-2) e da administração (Suet., *Ner.*, XVII, 1). Iniciativas, para o

autor, dignas de consideração, separadas de suas maldades e crimes posteriores (Suet., *Ner.*, XIX, 2).

No começo, conforme Suetônio, Nero teria manifestado sua ousadia, desenfreado, avareza e crueldade às escondidas, de modo quase imperceptível, tal como desvios próprios de sua juventude. No entanto, logo teria ficado claro que suas práticas não se encontravam relacionadas à idade, mas sim à sua natureza (Suet., *Ner.*, XXVI, 1). Dessa forma, não mais se preocupou em dissimular suas ações, cometendo abertamente os maiores excessos (Suet., *Ner.*, XXVII, 1). Simplesmente, Nero elogiava e admirava o seu tio, Calígula (Suet., *Ner.*, XXX, 1). E promoveu também a morte de Britânico, através de envenenamento, por inveja e pelo receio do irmão acabar, no futuro, ganhando o favor dos homens. Aliás, o enterrou às pressas, sem nenhuma cerimônia (Suet., *Ner.*, XXXIII, 1-2).

A respeito de seus casamentos, Nero primeiramente desposou Otávia (filha de Messalina e Cláudio) (Suet., *Ner.*, VII, 2). A repudiou, relegou e, depois, ordenou seu assassinato. E casou-se na sequência mais duas vezes, com Popeia Sabina (a quem mandou matar também) e Estacília Messalina. Nero teve com Popeia uma filha, Cláudia Augusta, mas que faleceu ainda muito pequena (Suet., *Ner.*, XXXV, 1-3).

O final da biografia de Nero contempla, para Suetônio, a descrição de um clima de muita violência e realização de diversos crimes e assassinatos por parte do príncipe (Suet., *Ner.*, XXXVII, 1). Nero, simplesmente, teria ameaçado eliminar a ordem senatorial da república (Suet., *Ner.*, XXXVII, 3). De acordo com Suetônio, o mundo destituiu Nero após tê-lo suportado por quase catorze anos. E isso começou a partir de uma insurreição nas Gálias (Suet., *Ner.*, XL, 1), a qual logo se seguiu a sublevação da Hispânia, com o governador Galba (Suet., *Ner.*, XLII, 1), e dos demais exércitos (Suet., *Ner.*, XLVII, 1). Declarado inimigo público pelo Senado e sozinho, optou por tirar sua própria vida (Suet., *Ner.*, XLIX, 2-3).

Suetônio não poupou a figura de Nero em sua biografia, reforçando o péssimo exemplo de seu comportamento e governo. Nero, portanto, no que podemos compreender a partir da narrativa de Suetônio, foi resultado da inadequada condução de Cláudio em relação à questão da sucessão no Principado. E, nesse processo, observamos novamente a participação dos pretorianos, para além da influência de Agripina. Britânico, filho natural de Cláudio com Messalina, diante de tudo, não conseguiu contestar, logo perecendo.

Assim, com a morte de Nero, Suetônio exclama o fim da linhagem dos Césares (Suet., *Galba*, I, 1), em alusão ao fim da casa dos Júlio-Cláudios. Essa situação abriu caminho para novas circunstâncias ocorrerem em relação à questão da sucessão no Principado, e Suetônio não se eximiu de ponderar a respeito delas. Após uma série de eventos, Galba foi quem chegou ao poder. Proveniente de ilustre e antiga família romana (Suet., *Galb.*, II, 1), destacou-se inicialmente exercendo funções de relevância na Germânia Superior (Suet.,

Galb., VI, 2) e África (Suet., *Galb.*, VII, 1), demonstrando grande competência e domínio nos assuntos militares, recebendo várias honrarias (Suet., *Galb.*, VIII, 1). Já durante o governo de Nero, governou a província da Hispânia Tarraconense por oito anos (Suet., *Galb.*, IX, 1).

Quando a sublevação tomou conta das Gálias (no movimento contra Nero), recebeu uma carta de Víndice (governador da Gália Lugdunense) conclamando-o a tornar-se "o guia do gênero humano", aceitando a proposta (Suet., *Galb.*, IX, 2). Dessa forma, foi saudado como imperador frente aos seus, declarando-se inicialmente legado do Senado e do povo romano (Suet., *Galb.*, X, 1). Porém, com a morte de Nero, logo tomou conhecimento da notícia de que todo mundo havia jurado fidelidade a ele. Assim, partiu para Roma, deixando o título de legado para tomar o de César (Suet., *Galb.*, XI, 1).

Suetônio indica que o benefício e o prestígio de Galba teriam sido maiores antes de conquistar o poder do que depois, no exercício dele. Ainda que tivesse dado provas de que poderia ser um excelente príncipe, nada disso compensava o ódio sentido por seus desrespeitos (Suet., *Galb.*, XIV, 1). Dentre suas ações negativas, temos a condenação de ilustres membros da sociedade com base em suspeitas insignificantes (Suet., *Galb.*, XIV, 3). Em suma, todos os ordines teriam se sentido ofendidos pelo comportamento de Galba, mas o rancor maior teria se concentrado nos soldados. O motivo para tanto, a informação de que Galba havia prometido um donativo especial a eles, o que não se concretizou (Suet., *Galb.*, XVI, 1).

Não tardou e houve um início de sublevação na Germânia Superior. Para os militares dali, não era de agrado o imperador eleito na Hispânia; eles mesmos elegeriam outro, contando com a aprovação de todos os exércitos (Suet., *Galb.*, XVI, 2). Conforme Suetônio, quando Galba tomou conhecimento desta situação, convenceu-se de que a condenação por ele sofrida não seria tanto por sua velhice, mas sim pela falta de filhos (Suet., *Galb.*, XVII, 1). Galba havia se casado com uma mulher chamada Lépidia. Porém, perdeu ela e os dois filhos que tiveram. Após isso, não teria se casado com mais ninguém (Suet., *Galb.*, V, 1). Por esse motivo, acabou adotando a Pisão Frugi Liciano, membro de alta projeção naquela sociedade, a quem sempre havia designado em seu testamento como herdeiro de seus bens e de seu nome. Esta adoção ocorreu no acampamento, em assembleia de soldados. No entanto, não houve ali qualquer menção a um donativo. Segundo Suetônio, esta situação proporcionou a Otão (futuro príncipe) a ocasião mais adequada para sua ação (Suet., *Galb.*, XVII, 1).

Quando soube que Otão havia ocupado o acampamento (dos pretorianos), Galba buscou defender-se dentro do palácio. Porém, acreditando em um falso boato, saiu de suas dependências, pensando que a situação havia se resolvido a seu favor. Foi então assassinado por alguns soldados (Suet., *Galb.*, XIX, 1-2). Com este final, Suetônio não

deixa de transparecer o seu forte sentimento de desgosto com Galba. Embora tenha sido o primeiro fora dos Júlio-Cláudios a assumir como príncipe, foi muito mais a falta de governabilidade dele a responsável por sua queda do poder em apenas sete meses. E, especialmente, quando pareceu desrespeitar e perdeu o apoio dos militares nas províncias e dos pretorianos, antecipou seu desfecho de morte. De nada, portanto, adiantou para a sucessão no Principado a indicação tardia de Pisão, com o rito de adoção, delegação do nome e testamento. Aqui, o apoio militar (ou a compra dele, vide as menções aos donativos) foi o decisivo de tudo.

Membro de uma distinta família proveniente da região da Etrúria (Suet., *Otho*, I, 1), Otão inicialmente teve influência no meio romano valendo-se da confiança de Nero (Suet., *Oth.*, II, 2), com quem compartilhava planos e segredos (Suet., *Oth.*, III, 1). Foi casado com Popeia Sabina, mulher que despertava o interesse de Nero. Diante dessa situação e do atrito que surgiu com Nero, Otão foi desterrado à Lusitânia. Governou-a por dez anos, segundo Suetônio, com moderação e justiça singulares (Suet., *Oth.*, III, 1-2). Teria sido o primeiro a somar-se ao movimento de Galba, ocasião de vingança contra Nero (Suet., *Oth.*, IV, 1). Nutriu com o tempo a expectativa cotidiana de sua adoção por Galba. Porém, quando este adotou Pisão, recorreu à violência (Suet., *Oth.*, V, 1), utilizando recursos financeiros na construção de seu apoio militar (Suet., *Oth.*, V, 2). Em sua chegada ao acampamento (pretoriano), foi aclamado imperador, obtendo apoio, mediante promessas. Assim, enviou tropas para que assassinassem Galba e Pisão (Suet., *Oth.*, VI, 3). Logo após, em discurso ao Senado, Otão se disse praticamente obrigado a assumir o império, destacando que iria exercê-lo seguindo a vontade de todos (Suet., *Oth.*, VII, 1).

De acordo com Suetônio, neste mesmo tempo, os exércitos da Germânia juraram fidelidade a Vitélio (o próximo príncipe). Otão clamou por calma e concórdia. Propôs, inclusive, compartilhar com Vitélio o império, tornando ele o seu genro. Apesar disso, a guerra se encaminhou (Suet., *Oth.*, VIII, 1), com a derradeira vitória de Vitélio em Bedriaco (Suet., *Oth.*, IX, 2). Conforme Suetônio, Otão tomou a decisão de morrer, e não por falta de confiança em seus soldados, mas sim por delicadeza, para que, ao final, em sua luta pela obtenção do poder, não acabasse colocando em risco a vida e o domínio sobre as coisas (Suet., *Oth.*, IX, 2-3). No desfecho da biografia, Suetônio destaca que muitas das pessoas que o haviam detestado enquanto era vivo o elogiaram após a sua morte, correndo entre o povo a mensagem de que, anteriormente, Otão havia matado Galba não com o objetivo de exercer um poder absoluto, mas para restabelecer a república e a liberdade (Suet., *Oth.*, XII, 2).

A vida de Otão segue na perspectiva de Suetônio como mais um momento de tensão causado pelas disputas após a morte de Nero. Otão é representado, após a sua

ascensão ao Principado, como um personagem preocupado com a violência generalizada. Suetônio, inclusive, utiliza o testemunho de seu próprio pai para endossar que Otão detestava o cenário das guerras civis (Suet., *Oth.*, XI, 1). Ou seja, seu exemplo aqui é o de um conciliador.

Suetônio inicialmente afirma que Vitélio, manchado com todo tipo de infâmia, manteve-se em lugar privilegiado ao longo de sua vida nas cortes de Calígula, Cláudio e Nero (Suet., *Vitellius*, IV, 1). Conseguiu assim funções das mais importantes, tal como a de governador da África (Suet., *Vit.*, V, 1). Foi casado primeiramente com Petrônia, filha de um ex-cônsul, com quem teve um filho, Petroniano – o qual, aliás, foi morto acusado de tentativa de parricídio. Mais adiante, Vitélio casou-se com Galéria Fundana, filha de um ex-pretor, com quem teve dois filhos, de ambos os sexos (Suet., *Vit.*, VI, 1).

A mando de Galba, Vitélio foi enviado à Germânia Inferior (Suet., *Vit.*, VII, 1). Ali, atendendo a todos os desejos do exército, não tardou em ser saudado como imperador. Pouco tempo depois, juntou-se ao exército da Germânia Superior na investida contra Galba (Suet., *Vit.*, VIII, 1-2). Quando soube da morte deste, direcionou as suas forças contra Otão (Suet., *Vit.*, IX, 1), obtendo a vitória. De acordo com Suetônio, Vitélio chegou a suscitar esperanças de que seria um excelente príncipe, mas a sua conduta posterior não esteve em consonância com a majestade do Império (Suet., *Vit.*, X, 1). Em suas ações, descuidara-se de todas as leis divinas e humanas. E para que não houvesse dúvida do modelo que escolheu para governar, prestou honras fúnebres a Nero (Suet., *Vit.*, XI, 2). No mais, teria demonstrado ser um homem propenso à gula e à crueldade (Suet., *Vit.*, XIII, 1), estando sempre disposto a ordenar qualquer pessoa à execução e submetê-la ao suplício (Suet., *Vit.*, XIV, 1).

Foi assim que, no oitavo mês de seu governo, foi informado que os exércitos da Mésia, Panônia, Judeia e Síria se revoltaram contra ele, jurando fidelidade a Vespasiano. Vitélio, então, buscou apoio através de todo tipo de liberalidade. Mas as suas forças acabaram vencidas (Suet., *Vit.*, XV, 1-2). Vitélio foi preso e fortemente humilhado por todos antes de sua morte (Suet., *Vit.*, XVII, 1-2). Pois bem, o desfecho vexatório construído por Suetônio para representar os últimos momentos de Vitélio foi exemplar: os que agirem da mesma forma, na crueldade e desmesura, seguindo o modelo de Nero, terão uma morte violenta. Junto a isso, o que também percebemos no texto do autor é a sinalização de uma responsabilidade coletiva para se evitar que o nível das disputas pelo poder ocasionasse todas as atrocidades e subversões morais de uma guerra civil. Vitélio parecia não se importar com coisa alguma. Um exemplo interessante nesse sentido foi apresentado por Suetônio: quando Vitélio chegou ao campo no qual a batalha de Beadriaco havia ocorrido, se deparou com os vários soldados aterrorizados diante da

decomposição dos corpos. Para dar ânimo a eles, disse a todos que o cadáver de um inimigo cheirava muito bem, e melhor ainda o de um concidadão. Nas palavras do autor, estas foram palavras abomináveis (Suet., *Vit.*, X, 3). Por tudo isso, a referência à morte de Vitélio precisava ser pedagógica e edificante.

Ao início da biografia de Vespasiano, o próximo príncipe, Suetônio encaminha uma reflexão interessante. De acordo com o autor, o Império, instável em função da morte violenta de três príncipes, foi assumido e consolidado pelos Flávios. Família que, apesar de suas origens obscuras e sem antepassados dos mais gloriosos, não proporcionou motivo algum de queixa, embora Domiciano (um dos filhos de Vespasiano, futuro príncipe) tenha sofrido o justo castigo por sua avaréza e crueldade (Suet., *Divus Vespasianus*, I, 1).

Conforme Suetônio, Vespasiano, logo após ter solicitado o laticlavo, iniciou sua carreira política e militar, tornando-se tribuno, questor, edil e pretor (Suet., *Vesp.*, II, 2-3). Casou-se com Flávia Domitila, com quem teve três filhos: Tito, Domiciano e Domitila. Porém, a filha e a mulher faleceram quando ainda era um simples particular (Suet., *Vesp.*, III, 1). Reconhecido por sua competência na guerra, recebeu o governo da Judeia e uma grande força militar, assumindo a responsabilidade de aplacar as revoltas na região. Considerado por sua humildade, não era visto como um concorrente ao poder (Suet., *Vesp.*, IV, 1-5). Não obstante, com a morte de Nero e Galba, observando a disputa pelo poder entre Otão e Vitélio, Vespasiano teria começado a nutrir expectativas de alcançar o império (Suet., *Vesp.*, V, 1). Recebeu inicialmente o juramento de fidelidade das legiões do Egito e Judeia, sendo favorecido, inclusive, de acordo com Suetônio, pela divulgação de uma carta, verdadeira ou falsa, supostamente escrita por Otão, no qual este pedia a Vespasiano por sua vingança e que agisse em defesa da república (Suet., *Vesp.*, VI, 3-4). E, na guerra civil que ocorreu, Vespasiano saiu vitorioso (Suet., *Vesp.*, VII, 1). E assim regressou a Roma, com prestígio e reputação. Para Suetônio, ele procurou, como principal interesse, devolver a estabilidade à república, abatida e vacilante à época, para, na sequência, fazê-la engrandecer (Suet., *Vesp.*, VIII, 1).

Suetônio reiterou o tom positivo das reformas de Vespasiano em seu governo, como na organização das províncias, na estrutura urbana de Roma e no campo da disciplina militar (Suet., *Vesp.*, VIII, 2-5) e, igualmente, no âmbito social, no atento resguardo e promoção da dignidade das principais ordens (Suet., *Vesp.*, IX, 2). Foi promotor da justiça (Suet., *Vesp.*, X, 1) e de costumes tradicionais (Suet., *Vesp.*, XI, 1), sendo considerado por Suetônio, do começo ao fim de seu Principado, um homem clemente e de uma simplicidade republicana (Suet., *Vesp.*, XII, 1). Também não era rancoroso ou propenso a vingar as ofensas e inimizades (Suet., *Vesp.*, XIV, 1). A morte de Vespasiano ocorreu contando ele sessenta e nove anos de idade, doente por acessos de febre e uma forte decomposição de

ventre (Suet., *Vesp.*, XXIV, 1). Conforme Suetônio, de tal forma Vespasiano era seguro em relação ao seu horóscopo e ao de seus familiares que, apesar das constantes conspirações por ele sofridas, se atreveu a afirmar perante o Senado que seus filhos o sucederiam, ou ninguém mais (Suet., *Vesp.*, XXV, 1).

A vida de Vespasiano, como observamos no texto de Suetônio, é demarcatória. Sinaliza, após o conturbado momento de guerra civil, um sentimento de retomada dos ideais da República romana e da responsabilidade do príncipe em sua gestão e conservação. Nesse sentido, não podemos deixar de observar a construção de um paralelo entre Otávio e Vespasiano, como promotores de novos tempos, da liberdade senatorial. Ponto interessante, temos a ressalva, feita no início, ao futuro governo de Domiciano. Porém, fica também entendido que ele representou um erro de execução, e não no projeto. Vespasiano, ao menos, não faleceu deixando o Império sem uma perspectiva de futuro governante. Mas, de que modo ficou a questão da sucessão no Principado, dentro da nova dinastia planejada por Vespasiano, seguindo à risca o princípio da hereditariedade? O filho mais velho, Tito, assumiu. Porém, não sem sofrer forte contestação do filho mais novo, Domiciano.

Suetônio não deixou de reforçar as qualidades excepcionais de Tito, “o amor e a delícia do gênero humano”, um indivíduo com grandes dotes naturais, habilidade e sorte para captar a afeição de todos (Suet., *Titus*, I, 1). Desde jovem, destacou-se por suas qualidades físicas e espirituais, as quais foram apenas aumentando conforme crescia (Suet., *Tit.*, III, 1). Casou-se inicialmente com Arrecina Tértula, filha de um membro da ordem equestre. Após seu falecimento, contraiu matrimônio com a nobre Márcia Furnila, da qual se separou após o nascimento da filha (Suet., *Tit.*, IV, 2).

Depois de algumas experiências no campo militar (Suet., *Tit.*, IV, 1), atuou na Judeia (Suet., *Tit.*, IV, 3). Recebeu a liderança para acabar com as revoltas na região, chegando a submeter Jerusalém. Na ocasião, por conta de suas façanhas, foi saudado como imperador pelos soldados, os quais suplicaram para ficar sob o seu comando (Suet., *Tit.*, V, 2). Após tudo isso, não teria deixado de agir como partícipe e protetor do Império. Junto a seu pai, celebrou o triunfo, exerceu a censura, o poder tribunício e sete consulados. Porém, quando assumiu a prefeitura do pretório, teria exercido a função de modo brutal e violento. Consequência disso, para Suetônio, não teria outro homem ascendido ao principado com tamanha antipatia por parte de todos (Suet., *Tit.*, VI, 1-2). Para muitos, chegou a ser visto como outro Nero. No entanto, essa má fama logo foi substituída pelos melhores elogios, quando, realmente, em Tito não se descobriu nenhum vício, mas sim as mais altas virtudes (Suet., *Tit.*, VII, 1). Tito teria se cercado de amigos prestativos (Suet., *Tit.*, VII, 2), respeitado a propriedade alheia e praticado a munificência (Suet., *Tit.*, VII, 3), sendo

benévolo por natureza (Suet., *Tit.*, VIII, 1) e de grande amabilidade no trato com o povo (Suet., *Tit.*, VIII, 2). Segundo Suetônio, quando Tito tornou-se pontífice máximo, não mais causou mortes, mesmo possuindo motivos para se vingar, preferindo morrer a provocar a ruína de alguém (Suet., *Tit.*, IX, 1). E, apesar das conspirações, sem nenhuma dissimulação, por parte de seu irmão, sublevando exércitos, Tito não procurou matá-lo ou relegá-lo. Tampouco rebaixou suas honras. Pelo contrário, pois, como fizera desde o primeiro dia de seu governo, continuou declarando-o seu companheiro e sucessor, pedindo amiúde a ele, no privado, entre súplicas e lágrimas, contrapartida ao seu afeto (Suet., *Tit.*, IX, 3).

Faleceu de modo inesperado, por conta de uma grave febre, causando, nas palavras de Suetônio, maior prejuízo à humanidade do que a si próprio (Suet., *Tit.*, X, 1). Diante da notícia de sua morte, as pessoas teriam se lamentado publicamente, tal como se tivessem perdido a um familiar, enquanto o Senado, correndo à Cúria, sem ao menos esperar um édito de convocação, tributou ao falecido diversas mostras de louvor e gratidão (Suet., *Tit.*, XI, 1). Suetônio então encerra a biografia de Tito em tom ameno. Sua narrativa, de fato, transparece uma profunda lamentação. O que também nos chama a atenção é a normalidade da transmissão do poder de Vespasiano para Tito. Não foi um problema. Era o filho mais velho e, publicamente, associado ao poder por meio de sua indicação às magistraturas, no cuidado de Vespasiano. Portanto, não há sentimento de ruptura, mas sim de continuidade entre Vespasiano e Tito, na percepção de Suetônio. Em sua conduta política e social, ajustada por Tito após sua ascensão, ele demonstrou a preservação dos elementos republicanos. Não obstante, contra isso, Domiciano surge como personagem disruptivo, um homem que não era capaz de compreender a importância daquilo que Tito preservava. Pelo contrário, sublevava exércitos, ameaçando o sistema tradicional com o espectro da violência novamente.

Sobre Domiciano, Suetônio indica que ele teria passado sua adolescência e juventude em condição de grande pobreza e infâmia (Suet., *Domitianus*, I, 1). Exerceu a pretura urbana após a ascensão de Vespasiano, delegando grande parte de suas funções a um colega próximo; e, quando teve a oportunidade, praticou ali um poder absoluto, demonstrando aquilo que seria no futuro. Nessa época, seduziu e contraiu matrimônio com Domícia Longina, a qual já estava em um relacionamento (Suet., *Dom.*, I, 3), tendo um filho com ela (Suet., *Dom.*, III, 1).

Suetônio afirma que, dos seis consulados exercidos por ele (antes da morte de seu pai), apenas um teria sido ordinário, e isso por conta da concessão e apoio oferecidos pelo irmão. Ademais, fingia, de modo admirável, moderação (Suet., *Dom.*, II, 1-2). E quando da morte de seu pai, cogitou oferecer um duplo donativo aos soldados, não hesitando também em dizer que Vespasiano o teria indicado como partícipe do poder

imperial, na condição de corregente, alegando que o testamento dele fora falsificado. Domiciano também não teria deixado de conspirar contra o irmão, abertamente ou em privado. Quando da morte de Tito, não atribuiu ao falecido qualquer honra, com exceção da apoteose (Suet., *Dom.*, II, 3).

No exercício de seu principado, teria inicialmente se demonstrado inconstante, alternando vícios e virtudes. No entanto, para Suetônio, essas virtudes logo se degeneraram em vícios. Segundo o autor, no que seria possível conjecturar, a despeito das predisposições naturais de Domiciano, a necessidade o tornou rapina, enquanto o temor, um homem cruel (Suet., *Dom.*, III, 2). Assim, no exemplo de suas ações negativas, diz-se que ordenou a execução de vários senadores, sendo muitas vezes por motivos fúteis (Suet., *Dom.*, X, 2). E quando Domiciano se viu arruinado pelo dispêndio no patrocínio de construções e espetáculos, bem como no pagamento de benesses extras aos soldados, recorreu a toda forma de rapinagem, apoderando-se dos bens de vivos e mortos (Suet., *Dom.*, XII, 1). Completando o quadro, Suetônio afirma que Domiciano tomara para si a alcunha de deus e senhor, demonstrando a sua arrogância (Suet., *Dom.*, XIII, 1-2).

Por todas as suas ações, caiu vítima de uma conjuração organizada por seus amigos e libertos mais íntimos, contando com a cumplicidade de sua esposa (Suet., *Dom.*, XIV, 1). Domiciano, que nunca deixara de viver com temor e angústia (Suet., *Dom.*, XIV, 2), foi assassinado em uma emboscada no seu próprio quarto (Suet., *Dom.*, XVI, 2). De acordo com Suetônio, o povo teria recebido a notícia de sua morte com indiferença. Os soldados, por sua vez, demonstraram indignação. Já os senadores se alegraram muito, correndo para a Cúria onde não pouparam Domiciano dos mais ultrajantes e cruéis insultos. Promoveram também a destruição de suas imagens e símbolos, bem como a ordem de se apagar, em todos os locais, suas inscrições, destruindo a sua memória (Suet., *Dom.*, XXIII, 1).

No desfecho da obra, Suetônio afirma que, meses antes do assassinato de Domiciano, um corvo teria pousado no Capitólio e exclamado "tudo irá bem". Ou seja, o pássaro não pode dizer, segundo a interpretação de muitos, que tudo "está bem", mas sim que "irá estar bem". Em outra situação da época, o próprio Domiciano teria sonhado que, por detrás do seu pescoço, saia um tumor de ouro. Teve por certo, então, que após a sua morte se teria uma república mais feliz e próspera. E, de acordo com Suetônio, foi o que de fato ocorreu, devido à integridade e à moderação dos príncipes que se sucederam (Suet., *Dom.*, XXIII, 2).

Como afirmamos no início do artigo, o estudo da obra de Suetônio pode nos revelar muito a respeito de seu autor e de suas intenções com aquele escrito. Suetônio galgou sua projeção na administração romana, sobretudo no período de transição do século I ao II. Ou seja, acompanhou as circunstâncias da ascensão de Nerva e da indicação de

Trajano como sucessor. Era o aparente retorno da estabilidade política, por meio de uma prática de adoção entre a nobreza,² contornando-se o risco de uma nova guerra civil após a morte de Domiciano. A obra de Suetônio é sintomática deste contexto e, especialmente, do momento decisivo em que ocorreu a transição entre Trajano e o próximo príncipe, Adriano (LEME, 2015), o qual, considerando a leitura crítica das fontes históricas que tratam do período, foi bastante questionado em relação à legitimidade de sua adoção e início de governo (BIRLEY, 2010; LEME, 2016).

Ou seja, a discussão sobre a questão da sucessão, no Principado, continuava presente, na tensão se deveria ocorrer por meio da adoção entre a nobreza, ou mesmo a partir da construção de dinastias (PLÁCIDO SUÁREZ, 2004). Os pensadores do período podem ter se dedicado a refletir sobre tudo isso. Indivíduos, aliás, que poderiam ter conexões políticas e que agiam também na defesa de seus grupos. Como pode ter sido o caso de Suetônio.

O trabalho de Suetônio sinaliza um estudo a respeito do processo político de construção do Principado, bem como do exercício do poder por parte de cada governante (LEME, 2015). Dentre os aspectos contemplados pelo autor ao longo da obra, não podemos deixar de entrever a questão da sucessão no Principado. Foram, de fato, elogiados os príncipes que encaminharam devidamente os seus herdeiros, tornando essa situação a mais pública possível – principalmente, Otávio Augusto e Vespasiano. A construção de grandes famílias, dinastias, facilitaria isso. Otávio lamentou a morte de Caio e Lúcio. Precisou adotar Tibério, por necessidade. Vespasiano, por sua vez, bradou que não abria mão que seus filhos fossem seus herdeiros. Suetônio lembra, inclusive, que Cláudio foi muito criticado em seu tempo por ter adotado Nero, quando Britânico, seu filho natural, já era adulto.

Conforme Pierre Grimal (1999), mantinha-se viva, na mentalidade romana, o princípio da hereditariedade, como parte de uma noção de família, abençoada pelos deuses. E, ao que observamos, agradava a Suetônio a opção pelos filhos e parentes naturais adotados como sucessores no Principado. Tudo isso, claro, com o objetivo de se evitar, com a maior segurança possível, a eclosão de disputas e de uma guerra civil, com a grave violência que isso ocasionava para todos. Nesse caso, Otão foi exemplo positivo: na luta, cessou a disputa pelo poder com o propósito de se evitar mais derramamento de sangue, em ação, conforme Suetônio, pela manutenção da vida. Ao contrário de Vitélio, exemplo negativo, que chegou a se regozijar da morte de concidadãos. Não caberia,

² Segundo Maria Hidalgo de la Vega (1995, p. 74), esta forma de adoção seria vista como uma vitória da *nobilitas* imperial, “que aseguraba así su derecho a proveer candidatos como soberanos y la basileia se organizaba no como heredera de una sola familia sino como concepto que expresaba una posesión común de todos”.

assim, na sinalização de Suetônio, o descuido na questão da sucessão do Principado. Caso contrário, se permitiriam indevidas ingerências, tal como a de pretorianos e corpos militares no processo, em função também da concessão dos donativos especiais. O que poderia ocasionar, novamente, no que fica subentendido, a ascensão de príncipes terríveis como Calígula e Nero. Portanto, a obra de Suetônio é também um chamado à necessidade de conciliação entre os grupos sociais de Roma e das províncias na definição da sucessão no Principado, como prática da concórdia.

Suetônio, personagem proveniente da administração anterior, de Trajano, continuou atuando na época de Adriano, na condição de secretário do príncipe. Porém, foi afastado de suas funções, em 121/122, junto ao prefeito do pretório, Septício Claro, devido a relações inapropriadas com Sabina, esposa do próprio príncipe (LEME, 2015). Ou seja, verificamos que a escrita de *A Vida dos Doze Césares* dificilmente contribuiu para um estreitamento da relação entre Suetônio e Adriano. Podemos, inclusive, pensar o contrário: Adriano, devido aos questionamentos que recebeu nos primeiros anos de seu governo, poderia muito bem ser associado aos piores exemplos de príncipes do século I, como representados por Suetônio.

Referências

Documentação textual

- SUETONIO. *Vida de los doce Cesares*. Traducción de Rosa Maria Cubas. Madrid: Gredos, 1992. 2 v.
- SUETONIUS. *Lives of the Caesars*. Translated by J. C. Rolfe. London: W. Heinemann; New York: The Macmillan Co., 1998. 2 v.

Obras de apoio

- ARÓSTEGUI, J. *A pesquisa histórica: teoria e método*. Bauru: EDUSC, 2006.
- BIRLEY, A. *Adriano*. Madrid: Gredos, 2010.
- BRAVO, G. *Historia del mundo antiguo: una introducción crítica*. Madrid: Alianza, 1998.
- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.
- GINZBURG, C. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GRIMAL, P. *O Império Romano*. Lisboa: Edições 70, 1999.

- HIDALGO DE LA VEGA, M. J. *El intelectual, la realeza y el poder político*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1995.
- LEME, A. L. Considerações sobre o gênero biográfico em “A vida dos Doze Césares”, de Caio Suetônio (século II d.C.). *Helikon*, v. 1, p. 37-55, 2014.
- LEME, A. L. *O pensamento político de Suetônio em “A Vida dos Doze Césares” (séc. II d.C.): a crítica ao poder absoluto do príncipe romano*. 2015. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.
- LEME, A. L. Ascensão de Adriano ao Principado e a ideia de ‘Idade de Ouro’ dos Antoninos: uma análise da ‘História de Roma’, de Dião Cássio e da ‘História Augusta’. *Roda da Fortuna*, v. 5, p. 142-160, 2016.
- LEME, A. L. A biografia de Júlio César e os riscos do poder absoluto: Suetônio e a política romana em tempos de Adriano (século II d.C.). *Aedos*, v. 9, p. 456-473, 2017.
- LOPES BRANDÃO, J. L. *Máscaras dos Césares: teatro e moralidade nas Vidas suetonianas*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2009.
- PLÁCIDO SUÁREZ, D. Un siglo de cambios. In: CORTÉS COPETE, J. M.; MUÑIZ GRIJALVO, E. (ed.). *Adriano Avgvsto*. Sevilla: Fundación José Manuel Lara, 2004.